

## POEMAS

### PENHOR

Carlos Nejar

Amor, cobrado  
dia a dia,  
forjado na oficina  
do pranto,  
aceito no amanhã  
do canto  
que nele sempre mais  
eu vou descendo.

Amor, cujo rebanho  
eu apascento  
no ar de meus cuidados  
e vielas.  
Já não posso gravá-lo,  
se é matéria.  
Colhê-lo, nunca é tempo  
de semente.

Colhemos, nós, Amada,  
o que perdemos.  
Nascendo de cavar,  
nos enterramos  
em nossa guarnição  
ou nos salvamos.

Amor — desembolsei  
da morte, o espaço  
para solver alguns  
de meus guardados.  
A tudo resgatei  
no empenho de soldado.

Nada me é dado.  
Os deuses só protegem  
seus amados  
e entre eles — não sou.  
Conheço o preço  
do amor, por desamor  
e o privilégio  
de muito conhecê-los  
é tão breve.

Posso cumprir  
uma exigência antiga  
de meu sangue no teu:  
clamores, passos.  
Porém necessitava do repouso  
de animal numa encosta;  
da quietude  
na caixa da guitarra;  
da quietude das coisas  
quando em sala.

Amor — outro valor não peço  
nem mereço —  
ameno ou sofrago,  
não vassalo,  
nem cúmplice de haveres.